

## O risco do erro continuado

O senador Jader Barbalho anunciou que deixa hoje a presidência do Senado, desde que, condiciona, a Casa tenha chegado a um acordo sobre o nome de seu substituto. Ao impor a preliminar, Jader apenas vocaliza o desejo do PMDB de assegurar para si a presidência, dado que a ele faltam condições políticas para fazer exigências.

Ao seguir a cartilha de seu partido é óbvio que Jader espera uma contrapartida em ações que busquem a preservação de seu mandato. O grupo governista abomina ser chamado assim, mas ante a ação que engendra e os efeitos que ela poderá causar em breve sentirá saudade do ameno adjetivo.

Os comandantes do partido argumentam que a exigência de José Sarney pela unanimidade inviabiliza seu nome, que José Fogaça não tem trânsito na banca e que Ramez Tebet é vetado pelo PFL por ter sido algoz de Antonio Carlos Magalhães na presidência do Conselho de Ética.

Diante disso, alegam, sobra-lhes a articulação da escolha do atual líder do partido no Senado, ex-ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso, ex-líder do governo Fernando Collor, até recentemente detratador da reputação de Mário Covas e atualmente um dos mais aguerridos defensores de Jader Barbalho.

Não faz muitos dias, teve uma explosão de temperamento ante a posição da subcomissão do Conselho de Ética, que concluiu pela necessidade de abertura de processo contra o senador e pediu seu imediato afastamento da presidência.

O PMDB, que quando ainda disputava o poder na convenção dizia que não se envolveria na defesa de Jader, agora trabalha para levar à presidência do Senado não apenas o mais fiel aliado de Jader, como também o único com vaivéns suficientes na biografia para, eleito, dedicar-se com afinco a fazer exatamente o que o partido disse que não faria.

Durante a campanha para derrotar Itamar Franco, os peemedebistas expuseram a incoerência do senador Maguito Vilela, candidato da ala de oposição, que em 1998 defendia FHC. Mas, convenientemente, arquivaram o fato de que seu atual líder no Senado à época apoiava Itamar e assim permaneceu até vislumbrar as vantagens da aliança com o grupo adversário.

Caso se concretize o plano, logo o PMDB terá visto que incorreu na prática do erro continuado. Argumenta que não tem jeito, não há outro nome disponível e se esquece de que foi esse mesmo argumento que justificou, para Fernando Henrique, a nomeação do ministro da Justiça que depois deixaria o governo atirando no presidente e na então expressão maior do PSDB. Há pouco foi ele também quem defendeu o rompimento com o governo federal, dizendo que o partido não poderia ter "compromisso com o erro".

Até Sarney anda acometido pela amnésia. Esqueceu-se de que, numa campanha de desmoralização, foi chamado de "batedor de carteira da História" por Fernando Collor e todos os que lhe faziam coro. Inclusive o político em questão. Portanto, no quesito confiabilidade e estabilidade de posições, não se pode dizer que essa candidatura seja a opção mais adequada.

Os outros partidos que aceitaram o critério da proporcionalidade e, portanto, são reféns da escolha do PMDB, terão de medir a conveniência de seus apoios tendo em vista que está em jogo o destino de um desmoralizado Senado. Se acham que um preposto de um senador sob investigação, com episódios de biografia que carecem de explicação, é a figura ideal para liderar um processo de recuperação da imagem da instituição, não haverá como escapar da constatação de que cada Congresso tem o presidente que merece.

○ SENADO  
VAI DECIDIR  
SE AFUNDA  
OU RECUPERA  
A IMAGEM  
DA  
INSTITUIÇÃO